

UM BELO TALENTO

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

LÊDA MARIA SOUTO, embora não se exercite, com frequência, na arte literária, tem, limpidamente, a consciência do poético, ou o sentido de proporção do trágico e do belo, do continente e do conteúdo, da estrutura e da essência, o que é fundamental para quem se dedica ao processo de criação, no campo das letras. Por isso mesmo, sabe transmitir, com palavras carregadas de magia sensorial, a sua visão interior, de maneira leve e precisa, mesmo que a poesia ultrapasse, com sua universalidade, a prisão da forma e, semelhante a uma ave, sobrepaire, no universo do espírito.

Poesia é penetração no invisível, ou no onírico, valendo como um mergulho, mesmo rápido, no mar do oculto, ou nas fronteiras do além e do aquém, nessa categoria abstrata que chamamos de tempo. De repente, vem-nos a necessidade de dizer alguma coisa, ou de gravar, num poema, momentos e **flashes** do nosso existir. E se não tivermos o dom de falar poeticamente, exprimindo o que se passa dentro de nossa mente, não atingiremos, por certo, a Terceira Margem do rio.

Lêda Maria atinge. E chega lá com um verso contido e sofrido, de imagística serena, com metáforas sóbrias, mas bastante expressivas. E seu Canto nasce com tristeza e beleza, como alguém que caminhasse descalço em procura do outono, ou da tardia, deixando pelo caminho fragmentos de seu próprio ser.

Pena é que, com esse belo talento, não desenvolva mais amplamente o dom com que nasceu. E faça uma poesia bissexta, aparecendo raramente com seus textos reveladores de uma alma sensível e harmoniosa, que tem fome de justiça e de beleza.

Os poemas que seguem constituem pequena amostra de suas qualidades literárias, ou de sua capacidade de criar, no mundo perene da poesia.

A POESIA JUBILOSA DE LÊDA MARIA

JUAREZ LEITÃO

Lêda, que nos dicionários é definida como **Jubilosa**, justifica seu gosto de viver na poesia que produz.

Sem procurar fazer presença ruidosa no gúeto literário da província, mantendo-se no território profissional do jornalismo e da publicidade, não ficou longe, entretanto, do ofício poético. Parece, ao contrário, manter a oficina em

franca disposição de uso, visitando-a com mais freqüência do que poderiam supor todos os que conhecem sua frenética e carregada agenda de compromissos.

Poeta essencialmente urbana, Lêda Maria não faz colagens dos cenários pastoris, rios, campinas e bucólicas reminiscências não vividas: prefere mexer com esta outra natureza, a humana, mais complexa, igualmente exuberante e capaz de oferecer infinitas perscrutações.

Adentra a paisagem metafísica, onde se envolve profundamente no jogo do previsível com o imponderável, apostando sempre na sensibilidade vertical, na força transcendental da paixão.

Não procura proteger-se dos desejos: alimenta-os, abraça-os, cumplicia-se com eles e vai à luta em procura de sua canaã amorosa, onde assume as iniciativas: "despi-me/olhei em redor/quis conhecer o deserto/e habituei-me às buscas".

O sensualismo, a afetividade, a provocação e o belo incluem-se no rateio espiritual que verbaliza, obtendo uma unidade agradável e frutificadora. Tudo possui sua dimensão, tudo tem cheiro e cor, tudo caminha com propósito e harmonia.

Desta argamassa Lêda constrói seu obelisco, sua coluna de Trajano, de onde observa a vida, os homens e os objetivos. Mas não fica lá, donzela encastelada: amalgama-se ao parceiro lírico, personagem permanente de sua peripécia, que sendo sedutor, impuro, imprudente e irreverente (sic), é também "competente no abraço, exigente na matéria prima (...) e potente na projeção dos caminhos," e por isto mesmo, um ser humano completo.

Os estatutos de sua poesia não se lastreiam de presunções nem se enlaameiam de rebuscamentos. Também não estimulam as construções enigmáticas: flui de seu discurso natural a verdade amorosa de sua alma, com a simplicidade de saber dizer para quem sabe ouvir (estrelas, inclusive).

É poeta, de boa cepa lírica, simples, leve, diáfana. Não concede a musa às conveniências das patrulhas estéticas. Prefere a liberdade de seu artesanato, onde avulta e se firma sua razão sensorial.

Isto posto, sugiro a leitura atenciosa destes poemas de vida, porque Lêda, a jubilosa, conhece os segredos da felicidade.

RESPIROS PELA VIDA

JOYCE CAVALCANTE

Lêda Maria é poeta? Sim. Lêda Maria é poeta. Não poeta apenas do cotidiano, usando como instrumental seu texto jornalístico, como alguns menos informados poderiam supor. Mas poeta que faz poesia de verdade, coisa sangrada, expelida gota a gota de seu dentro; palavras que se organizam em versos, versos que se compõem em poemas, poemas que se formam para nos encantar, mas que tristemente pouco atingem essa finalidade porque ela não os tem publicado muito